

Cola desafia a avaliação de estudantes

Pesquisa feita nos EUA mostra que a maioria dos alunos colou ao menos uma vez por ano. Especialista aponta falta de noção de ética

Marina Oliveira
Da equipe do Correio

Quem pode dizer que nunca colou na vida? Segundo pesquisa recente realizada nos Estados Unidos, pouca gente. O instituto Michael Josephson, da Califórnia, que estuda o comportamento dos norte-americanos em questões relacionadas à ética, entrevistou adolescentes com idade entre 14 e 17 anos, em colégios públicos de todo país. O resultado: 67% deles tinham colado em pelo menos uma prova, nos últimos doze meses.

No Brasil, pesquisadores da área de educação e psicologia escolar têm se concentrado na cola em vestibular. E são unânimes em concluir que grande parte dos aprovados utilizou meios escusos para obter sua vaga no ensino superior, embora faltem estatísticas nacionais mais precisas.

Diva Maciel, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB), culpa o sistema de avaliação e a falta de uma formação ética na escola pelo comportamento dos vestibulandos. "O aluno não sente que a prova mede sua capacidade de aplicar os conhecimentos adquiridos e acaba optando por burlar as normas, colando", defende.

A psicóloga e pesquisadora aconselha o uso da prova com consulta — na qual o aluno pode levar anotações pessoais e livros para a sala. A grande dificuldade, nesse caso, fica nas mãos do professor que precisa elaborar uma questão que revele a capacidade do aluno de reunir conteúdos e aplicá-los a situações concretas.

Mas o hábito de utilizar uma ajudinha extra não autorizada na hora

da prova começa cedo, geralmente durante o 1º grau. As técnicas são antigas e bem rudimentares — levar um papel com as fórmulas anotadas, escrever um pedaço da matéria pouco estudado na coxa ou tornozelo, dar uma espiada nas respostas do colega, ou mesmo combinar códigos para verdadeiro ou falso.

CELULAR

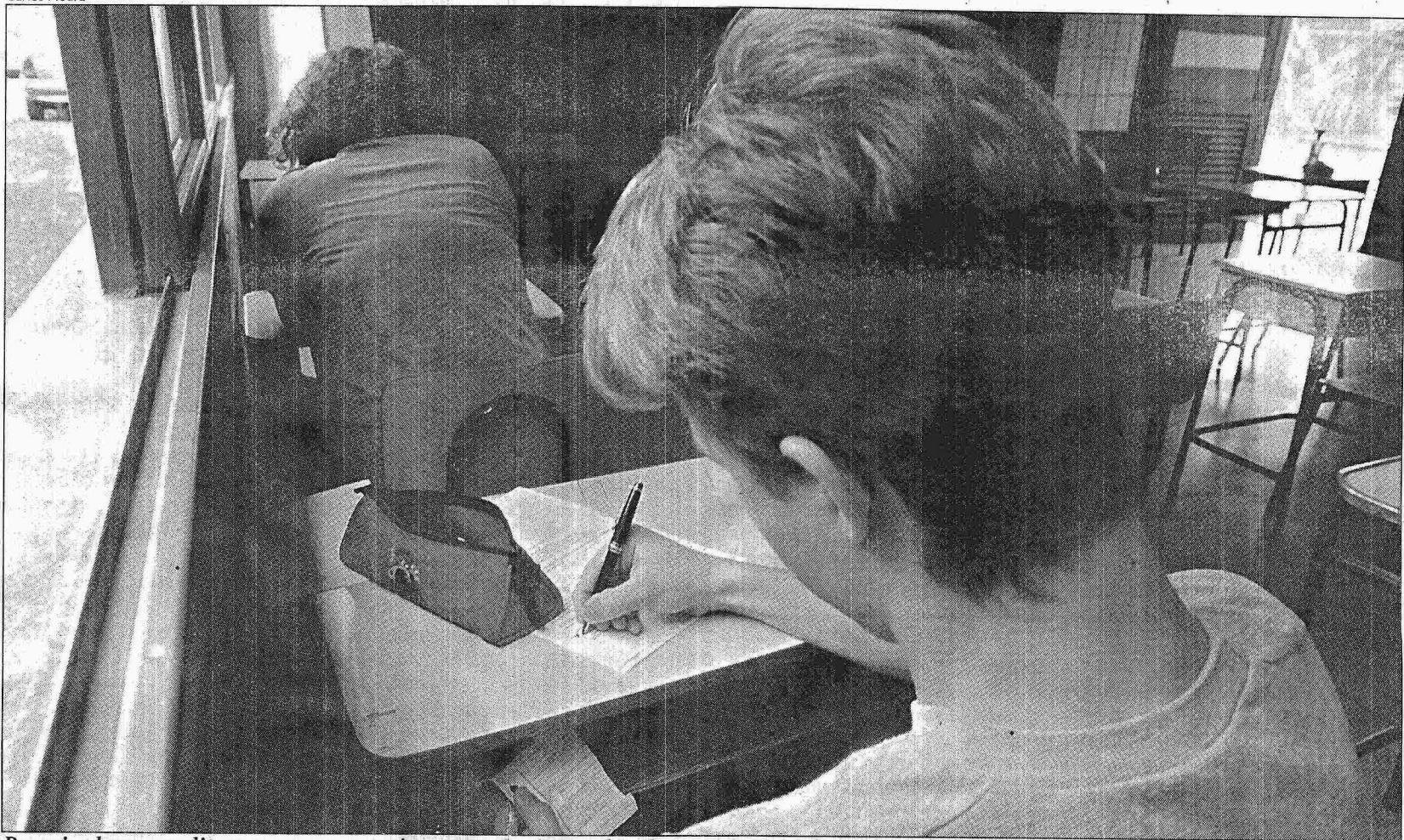
Alguns, mais modernos, usam a tecnologia. Um aluno de 2º grau de uma escola particular de Brasília conta que, quando faz prova sozinho na sala, usa o celular para ligar para os amigos e pedir respostas. Mas por que colar?

Os motivos variam quase tanto quanto o perfil do estudante que utiliza esse expediente. "Quando não estudo, preciso de uma maôzinha", diz G.S., que admite não ficar muito tempo com a cara nos livros. Ele começou na 5ª série, mas diz que nem sempre o crime compensa. "Cansei de copiar resposta errada de gente que no fundo sabia menos ainda do que eu", lembra.

Já M.L. costuma dar uma olhadinha na prova dos outros, só para conferir suas respostas. Apesar de estudar bastante e tirar boas notas, costuma bater uma insegurança na hora de entregar o teste. "Vai chegando o vestibular, a pressão aumenta e mesmo sabendo a matéria, conferir os resultados ajuda", justifica.

Na análise de Diva Maciel, a cola foi incorporada ao cotidiano da escola. "A maioria dos estudantes encara o gesto com bom humor, como se fizesse parte da vida. Nos preocupamos em formar engenheiros, médicos, arquitetos e esquecemos de formar cidadãos."

Carlos Moura



Pesquisadores acreditam que truques antigos, como copiar trechos da matéria em pedaços de papel, já foram incorporados à rotina dos estudantes

Sinais da crise geral de valores

Para pesquisadores americanos que estudam a questão da ética na sociedade, o grande número de adolescentes que colam aponta para uma crise de valores em todas as esferas da comunidade.

O trabalho do Instituto Michael Josephson mostrou que os entrevistados adotam posturas pouco honestas também fora de sala de aula — 39% dos jovens admitiu ter roubado alguma coisa de uma loja no último ano, por divertimento. Além disso, 25% deles afirmaram ter mentido para manter ou conseguir um emprego.

"Esses números mostram a falha da sociedade em mostrar aos adolescentes a diferença entre o certo e o errado", analisa Gary Heusel, ligado à Universidade de Nebraska e especialista em educação ética. Ele cita a falta de confiança nos políticos e nas instituições, manifestada pela população em repetidas pesquisas recentes de opinião. "Que modelos temos oferecido aos nossos jovens?", questiona Gary. (MO)